

Pere Ferré e Cristina Carinhas, *Bibliografia do Romanceiro Português da Tradição Oral Moderna (1828-2000)*, Madrid, Instituto Universitario Seminario Menéndez Pidal, Universidad Complutense de Madrid, 2000

Pere Ferré, com a colaboração de Cristina Carinhas, Ramon dos Santos de Jesus, Eva Parrano, Teresa Araújo, Mirian Nogueira, Sandra Boto e Patrícia de Jesus Palma, *Romanceiro Português da Tradição Oral Moderna. Versões Publicadas entre 1828 e 1960*, vols. I-IV, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2000-2004

J. J. Dias Marques*

Em números anteriores da *E. L. O.*, ainda não tinha infelizmente sido possível saudar o aparecimento destas duas obras de Pere Ferré e seus colaboradores, que constituem um decisivo passo em frente nos estudos sobre o romanceiro português.

Começando a análise pela *Bibliografia do Romanceiro Português da Tradição Oral Moderna*, vemos que nela se discriminam bibliograficamente, uma a uma, *todas* as versões portuguesas publicadas até 2000 de *todos* os romances, o que dá, salvo erro, o resultado de 6408 versões de 128 romances diferentes.

Uma obra assim não poderia, claro, ter sido feita em pouco tempo, e, pelo contrário, é fruto de um trabalho de 20 anos, que produziu o riquíssimo arquivo bibliográfico de Pere Ferré, actualmente sediado na Universidade do Algarve. Este arquivo, que, desde 1980, Ferré vem organizando com a ajuda de vários colaboradores, possui, em originais ou em fotocópia, tudo o que do romanceiro português se conhece publicado.

Foi com base neste arquivo que se organizou a presente *Bibliografia*, panorama tanto quanto possível exaustivo do romanceiro português. Para dar ao leitor uma ideia do labor por detrás desta obra, direi que, contando os livros e artigos referidos na lista de fontes bibliográficas usadas (pp. 167-208), chegamos ao impressionante número de 614.

É de sublinhar que, para cada versão, neste livro discriminam-se todas as reedições (sempre que as há) de que ela foi objecto, em lugar de apresentar essas reedições de forma independente, como se de novos textos se tratasse. Tal solucionou decisivamente o quebra-cabeças bibliográfico que era muitas vezes o romanceiro português, nascido do facto de muitas versões terem sido republicadas numerosas vezes e em obras de autores diferentes, não raro sem indicação da sua fonte.

Como é fácil de concluir, esta *Bibliografia* é indispensável para qualquer estudo sério do romanceiro português – e mesmo de qualquer outro ramo

* F. C. H. S. Universidade do Algarve. Campus de Gambelas. 8005-139 Faro. Portugal. <jjmarq@ualg.pt>

do romanceiro pan-ibérico, pois, ao ser o romanceiro uma unidade repartida por várias línguas e países, não se pode conhecer o romanceiro se se ignora (ou se conhece mal) o seu ramo português, para mais tão rico em romances e versões, como esta obra deixa patente. Ora esta *Bibliografia* simplifica enormemente o trabalho dos estudiosos na busca de versões portuguesas de qualquer romance específico, fazendo com que a falta de conhecimento e de aproveitamento das versões portuguesas seja algo cada vez mais do passado. E, esperemos, tornará impossíveis afirmações como a que encontramos numa obra (aliás de indiscutível importância), segundo a qual, do romance da *Morte de D. Beltrão*, “en la tradición oral moderna han pervivido algunos versos en Portugal”. É que, como mostra esta *Bibliografia*, de tal romance não existem na tradição portuguesa apenas “algunos versos”, sob a forma de vagas contaminações, mas sim nada menos que 83 versões.

A segunda das obras em apreço nesta recensão, o *Romanceiro Português da Tradição Oral Moderna*, é como que o complemento, parcial, da primeira.

Nela, como indica o subtítulo, publicam-se, agrupadas por romances, todas as versões portuguesas publicadas desde 1828 (ano em que vieram a público os dois primeiros textos, incluídos na *Adosinda* de Garrett) até 1960, quando saiu o II vol. do *Romanceiro Português* de Leite de Vasconcelos, importante colecção obtida entre finais do séc. XIX e 1941, que, por assim dizer, marca o fim da primeira época da recolha do romanceiro em Portugal.

O acesso a estes textos era até agora bastante difícil para o leitor médio. Por um lado, muitos deles encontravam-se dispersos (quando não esquecidos) por numerosos livros de vária índole ou por revistas de pouca circulação e reduzida tiragem, raras por esse motivo e/ou pela sua antiguidade. Por outro lado, mesmo as colecções conhecidas em que outros desses textos estavam incluídos (por exemplo, o *Romanceiro* de Leite de Vasconcelos) eram obras há muito esgotadas e, algumas delas, difíceis de encontrar na maioria das bibliotecas públicas portuguesas e mais ainda nas estrangeiras.

Nos quatro volumes que até hoje saíram do *Romanceiro Português da Tradição Oral Moderna*, estão publicadas 1692 versões de 105 romances diferentes: épicos, históricos, carolíngios, bíblicos, clássicos, os numerosos subtipos dos novelescos, e os devotos tradicionais. É fácil de imaginar a comodidade que, para o estudioso, representa possuir agrupadas todas as versões de cada romance. Note-se que, de modo a suprir a limitação de só incluir as versões que saíram até 1960, todos os volumes da obra trazem uma bibliografia em que, para cada romance, se enumeram as versões publicadas entre 1961 e 1997.

É de aplaudir o grande cuidado posto na fixação dos textos incluídos na presente obra, que não significou reproduzir acriticamente todas as primeiras edições. Assim, de forma a conseguir chegar o mais próximo possível daquilo que o informante terá dito no acto da recolha, Ferré abre excepções, sempre que um estudo filológico prévio o recomenda. Por exemplo, em lugar de republicar as versões recolhidas por José Joaquim

Nunes a partir da publicação (em que os textos se encontram retocados) feita pelo próprio autor na *Revista Lusitana* em 1900-1901, Ferré adoptou os textos tal como saíram anos depois, em 1905, no romanceiro de Ataíde Oliveira, pois este usou os manuscritos originais de Nunes, anteriores aos retoques. E, em nota, são fornecidas as variantes dos textos publicados no artigo da *Revista Lusitana*.

Outro aspecto importante é que as versões de Garrett se publicam não só através dos textos que ele deu a conhecer no seu romanceiro, mas também através da publicação dos textos, menos retocados, que estão no manuscrito guardado na Universidade de Coimbra.

A atenção dada a cada uma das versões permitiu descobrir que algumas delas, embora publicadas por certos autores como tendo sido recolhidas por si, eram afinal a republicação de textos já antes publicados por outros (ver, por exemplo, II, nº 561, nota).

Diga-se ainda que o I vol. desta obra inclui uma longa introdução de 112 páginas, que constitui uma excelente introdução ao romanceiro em geral, e em particular ao português.

Claro que em obras com o escopo da totalidade tem sempre de faltar algo. E o dever de quem as utiliza nos seus estudos é, creio, tentar retribuir os préstimos que delas obteve, fornecendo subsídios para o seu melhoramento. As investigações que levei a cabo nos últimos anos levaram-me a descobrir algumas versões antigas não incluídas nas duas obras hoje em análise. Com esperança de que o autor as possa publicar no apêndice do V e último volume do *Romanceiro Português da Tradição Oral Moderna*, aqui deixo a sua lista:

- dois longos fragmentos do *Conde Alarcos*, ao que parece recolhidos por Costa e Silva (Teófilo Braga, *Romanceiro Geral Português*, I, 1906, pp. 548-501);²
- outro fragmento do *Conde Alarcos* (José da Silva Mendes Leal Júnior, *A Herança do Chanceler*, 1855, pp. 81-2);
- uma versão do *Regresso do Marido do tipo Bela Infanta* [João Xavier Pereira da Silva, *O Encontro. Xácara, O Ramalhete*, nº 67 (2/5/1839), pp. 129-131];
- um fragmento do *Conde da Alemanha* (António Pereira da Cunha, *A Herança do Barbadão*, 1848, pp. 47-8);
- uma versão da *Nau Catrineta* (Maria Peregrina de Sousa, *A Nau Catarineta, A Grinalda*, II (1857[-1860]), nº 9, pp. 131-4);

² É verdade que sobre o primeiro desses fragmentos Braga afirma ser “de Goa”, o que justificaria a sua exclusão dum *corpus* do romanceiro português. Note-se, no entanto, que a mesma proveniência geográfica foi indicada por Braga (*op. cit.*, I, p. 144) em relação à *Donzela Guerreira* publicada por Costa e Silva, em 1832, na *Isabel*; ora, se lermos as palavras de Costa e Silva, veremos que a indicação geográfica fornecida por Braga não é de modo algum um dado adquirido. Aliás, essa versão da *Donzela Guerreira* está publicada no *Romanceiro Português da Tradição Oral Moderna*. Seja como for, não há motivos para que pelo menos o segundo dos citados fragmentos do *Conde Alarcos* não seja incluído na obra de Ferré.

– outra versão da *Nau Catrineta* (J. da Costa Cascais, *O Mineiro de Cascais*, in *Teatro*, III, 1904, p. 27);

– uma versão da *Donzela Guerreira* (F[rancisco] Palha, *Poesias*, 1852, pp. 97-109);

– outra versão da *Donzela Guerreira* (Christ[ian] Fr[iedrich] Bellermann, *Portugiesische Volkslieder und Romanzen*, 1864, pp. 64-75);³

– uma versão de *Conde Claros Instone + Conde Claros e a Princesa Acusada + Conde Claros Frade* (Maria Peregrina de Sousa, *D. Carlos e D. Clara, A Grinalda*, II (1857[-1860]), n.º 11, pp. 161-3).

Não obstante pequenas faltas como estas, o *Romanceiro Português da Tradição Oral Moderna* constitui um instrumento de trabalho que raras tradições baladísticas possuem e passa desde já a ombrear com as coleções clássicas erguidas por Grundtvig e Child para a tradição dinamarquesa e a anglo-escocesa.

É, pois, com compreensível expectativa que os interessados por este género tradicional esperam pelo V e derradeiro volume da série, em que sairão os romances devotos vulgares e os religiosos. Estes últimos constituem possivelmente a parte mais complexa do romanceiro, levantando complicados problemas de classificação e delimitação textual, pelo que do modo como eles forem publicados neste volume muitos ensinamentos há que esperar.

Idália Farinho Custódio, Maria Aliete Farinho Galhoz e Isabel Cardigos, *Património Oral do Concelho de Loulé*, vol. II: Romances, Loulé, Câmara Municipal de Loulé, 2006

J. J. Dias Marques

Depois do volume dedicado aos *Contos* (saído em 2004), estamos em presença do II vol. do *Património Oral do Concelho de Loulé*. Com esta série de volumes (em que está previsto se integrem mais dois), Loulé passará a dispor de uma obra que, tanto quanto sei, não tem análogo noutros concelhos de Portugal e é muito importante por várias razões.

³ Esta versão apresenta muitas semelhanças inquietantes com a versão do mesmo romance publicada por Garrett em 1851. Foram sem dúvida essas semelhanças que levaram Pere Ferré e Cristina Carinhas a considerar que a versão de Bellermann era apenas uma republicação do texto garrettiano (ver *Bibliografia do Romanceiro Português da Tradição Oral Moderna*, p. 102, n.º 179). No entanto, a versão de Bellermann inclui algumas passagens que, parecendo tradicionais, faltam no texto de Garrett, tendo vindo muito provavelmente da oralidade. Talvez estejamos em presença de uma versão que Bellermann recolheu, de facto, da oralidade (ele diz tê-la conseguido em Sete Rios, na época arredores de Lisboa), mas que depois retocou, usando para tal a letra da versão garrettiana. Sobre a questão ver a minha tese *A Génese do Romanceiro do Algarve de Estácio da Veiga*, 2002, nota 388, pp. 127-9.